

Trajetos, temporalidades, relatos de vida: propostas para um debate sobre narrativas juvenis¹

Simone Luci PEREIRA²

Giovanna CAPOMACCIO³

PPG Comunicação-Universidade Paulista, São Paulo, SP

Resumo: Este texto traz um debate sobre as narrativas juvenis, em suas implicações epistemológicas e teórico-metodológicas. Na primeira parte do artigo, é feita uma discussão teórica sobre a questão da narrativa e os relatos biográficos, levantando questões metodológicas como o uso da memória e das histórias de vida. Em seguida, propomos uma reflexão sobre a narrativa de jovens e suas especificidades que apontam para temporalidades e formas de narrar trajetórias de vida que se mostram próprios a este grupo social e fruto de um regime de historicidade contemporâneo. Por fim, apresentamos aspectos de uma pesquisa realizada que se vale das narrativas de jovens universitários como forma privilegiada de acesso e interpretação das tensões entre seus imaginários e práticas de consumo, o que abre portas para a compreensão mais ampla de suas formas de vida e múltiplas formas de inserção na vida adulta.

Palavras-chave: narrativas; temporalidade; juventude

O tema das narrativas vem ganhando relevância nos estudos das Ciências Sociais e Humanas nas últimas décadas. Buscando diferenciar-se da famosa linha francesa de análise do discurso, a noção de narrativa agrega perspectivas diversas daquelas mais afeitas ao estruturalismo e da análise interna aos textos.

Na esteira dos questionamentos ao Estruturalismo, do final da década de 1960 em diante, vimos surgir uma crítica cada vez maior ao excesso de preocupação e atenção dos estruturalistas com os elementos sincrônicos – deixando de lado a diacronia, ou seja, a questão do tempo histórico – bem como uma atenção voltada para as regras e coerências internas dos textos e discursos, deixando de lado a compreensão dos textos em seus contextos culturais e sociais.

Em meio a isso, surge o pensamento do filósofo francês Paul Ricoeur e seu diálogo com a tradição filosófica de Wilhelm Dilthey e Hans-Georg Gadamer (entre outros), intitulada hermenêutica. Sem nos debruçarmos demais nas teorias dos hermeneutas alemães, já discutidas em outro artigo (PEREIRA, 2013-b) e que extrapolaria o espaço deste artigo, lembramos apenas que Dilthey e Gadamer, de maneiras diferentes, contribuíram para uma reflexão do tempo histórico na filosofia, trazendo a noção de que os textos, a cultura, só poderiam ser compreendidos em consonância com o

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas, XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Pesquisadora e Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Midiática da UNIP (Universidade Paulista). Doutora em Ciências Sociais (PUC/SP, 2004) e Pós-Doutora em Música (UNIRIO, 2013). Pós-Doutoranda (2014-2015) CLACSO - “Ciencias Sociales, Niñez y Juventud”. simonelp@uol.com.br

³ Publicitária e Mestranda em Comunicação e Cultura Midiática pela UNIP (Universidade Paulista). Especialista em Publicidade e Mercado – Poéticas Verbais (ECA/USP). Professora no curso de Publicidade e Propaganda na UNISANTA e no curso de Propaganda e Marketing na UNIP, ambos em Santos/SP. gicapomaccio@terra.com.br

tempo e seus contextos particulares, numa hermenêutica histórica que leva em conta a historicidade do próprio pesquisador, aquele que interpreta textos em seus contextos e que é fruto de um tempo ao qual pertence, a tradição histórica da qual é herdeiro e que atua na interpretação. Mais ainda, o autor advoga sobre a temporalidade dos conceitos e a historicidade do conhecimento, explicitando a relatividade de toda interpretação. O significado original, diz o autor, estaria para sempre perdido no tempo. A compreensão ocorre do ponto de vista do presente e o passado deve ser encarado como fruto da construção, das vicissitudes e da inserção sociocultural e histórica do pesquisador no presente. Mais precisamente, a compreensão se efetiva como uma “fusão de horizontes”, isto é, passado e presente (autor e intérprete) juntos constroem, a cada vez, um novo significado. O significado do autor e seu tempo é apenas um dentre os vários elementos que a obra recebe ao longo de sua trajetória histórica, sendo todos igualmente legítimos. Camadas de significado e interpretação vão se acumulando no tempo como num palimpsesto, e cabe ao pesquisador do presente ir buscando “retirar” (compreender) estas camadas para interpretar melhor uma obra, um texto, uma experiência vivida no passado (PEREIRA, 2013-b).

Seguindo a tradição destes pensadores, surgem as reflexões de Paul Ricoeur que aqui nos interessam especialmente. Tanto na sua consideração do tempo e da sincronia para a compreensão da linguagem e do simbólico, como na sua compreensão das obras para além de sua estrutura interna e suas regras–tendência já explicitada acima. Ricoeur vê como válida a análise do jogo interno das dependências estruturais do texto, mas a entende como um primeiro nível –explicativo e semiológico– do estudo das obras; o segundo nível seria o interpretativo, que deve permanecer aberto para a referência ao sentido e para o que há fora da linguagem. Superando a dicotomia proposta por Dilthey entre explicação (histórica) e compreensão (narrativa), Ricoeur não abre mão de uma ou de outra, mas aproveita o jogo entre ambas, sua dialética, onde se dá a interpretação, objeto por excelência da hermenêutica. Ler é apropriar-se do sentido do texto e, se de um lado não há reflexão sem meditação sobre os signos, de outro, não há explicação sem a compreensão do mundo e de si mesmo. Daí surge a noção de arco hermenêutico (Ricoeur 1998) ou interpretativo: em um extremo do arco exercitamos uma “compreensão ingênua”, uma interpretação explicativa, mais estrutural, decorrente de análises formais, resultado de procedimentos nomológicos; no outro extremo, realizamos uma “compreensão sábia”, uma interpretação compreensiva, de profundidade, apreendendo o “excedente de sentido”, fortalecida pela mediação da anterioridade da “explicação” que está situada no vértice do arco.

Esta breve digressão sobre os preceitos de Ricoeur e da hermenêutica se justificam aqui pelo nosso interesse em edificar algumas matrizes da noção de narrativa. Em uma das obras mais substantivas de Ricoeur, *Tempo e narrativa* (1985 [1981]), ele faz a ponte entre os estudos sobre linguagem e estudos sobre a ação, ainda que estes temas não se encontrem estanques em sua obra, buscando compreender o homem agindo no mundo e avaliando eticamente suas ações a partir da

palavra e das ações. Em outras palavras, Ricoeur busca a elucidação da experiência humana através das mediações da linguagem e dos símbolos, enfim, deixando de priorizar a linguagem para focalizar-se no sujeito da ação. A sua noção de narrativa mostra que esta é a mediadora entre a explicação (empregada pelas ciências semiolinguísticas) e a compreensão (adquirida pela noção de narrativa). Daí nasce a ideia de identidade narrativa, um aprofundamento na compreensão da noção de sujeito, que estava tão desvalorizado pelo pensamento estruturalista, mais preocupado com as vicissitudes interna das obras. “Sem o auxílio da narração”, diz Ricoeur (1985, p. 315) “o problema da identidade pessoal está, de fato, fadado a uma antinomia sem solução”.

Assim é que nossa opção epistêmica com foco nas narrativas ganha embasamento, na perspectiva de compreensão de memórias, trajetórias, sentidos construídos de si e do mundo social contidas nas falas (ou escritos) de sujeitos ativos, apropriados de sua experiência, de suas identidades expressas nas narrativas. As noções de narrativa, tempo e memória advindas das discussões hermenêuticas de Paul Ricoeur se mostram como importantes contribuições para a interpretação das narrativas de si elaboradas pelos sujeitos que narram suas experiências e trajetórias de vida. Segundo o filósofo, o tempo só se torna humano por meio da narrativa, permitindo a construção da memória (no seu jogo de lembranças e esquecimentos, aspectos voluntários e involuntários) e das identidades, dando sentido às trajetórias de vida dos sujeitos que, ao contarem suas vidas, num esforço de coesão e encadeamentos de fatos, de fatos, constroem-se como sujeitos de sua própria história.

Bem, o uso das memórias e relatos pessoais e biográficos já vem sendo discutidos no campo das Ciências Sociais e da História há alguns anos, na busca por dar voz aos vencidos, grupos não-hegemônicos ausentes da história oficial, trazendo uma pluralidade de vozes encobertas por visões generalizantes e legitimadas. Entretanto, há que se lembrar, estes estudos em geral focalizam as memórias de idosos, suas construções memorialísticas e suas concepções de tempo particulares, em que o passado tem prioridade sobre o presente e o futuro.

Daí o desafio que se impõe neste artigo e nas pesquisas realizadas pelas autoras de maneira mais ampla, qual seja, como trabalhar com relatos e narrativas de jovens? Quais as particularidades das narrativas juvenis? Que regimes de historicidade e noções de temporalidade são próprias deste tempo acelerado que vivemos, com forte presença midiática e na qual os jovens estão de maneira particular conectados? Buscaremos neste texto refletir sobre algumas destas questões, não numa tentativa de dar respostas definitivas, mas visando contribuir para este debate.

As discussões sobre juventudes e culturas juvenis já criaram lastro nos estudos das Ciências Sociais e na História (BORELLI *et alli*, 2009; FEIXA, 1996, 2003, 2014; REGUILLO, 2000, 2014, LEVI e SCHMITT, 1994, entre outros), situando-as como construção histórica e social. Estes estudos situam as juventudes (no plural) em seu caráter ambíguo e como construção social e cultural, repleta de significados simbólicos, promessas e ameaças, potencialidades e fragilidades, tornando-a uma

categoria irreductível a uma definição estável, e sim algo que se configura de maneiras diferentes em cada especificidade social, cultural e histórica. Distanciam-se, assim, de paradigmas funcionalistas que imperavam até meados do século XX, nos quais os grupos juvenis não enquadrados no “dever ser” social eram vistos como delinquentes, anormais, desviantes, devendo ser ajustados aos padrões sociais hegemônicos. A grande crítica a esta argumentação sobre a crise e a desorganização social é o seu caráter funcionalista, que se utiliza de uma ideia consensual de ordem e formas homogêneas de organização, em que os grupos juvenis são vistos por aquilo que não são, esquecendo-se daquilo que constitui suas especificidades.

Carles Feixa (1996) responde a isso nomeando como “culturas juvenis”, ou seja, a maneira com que as experiências sociais dos jovens são expressas coletivamente mediante a construção de estilos de vida distintivos, localizados fundamentalmente no tempo livre ou em espaços intersticiais da vida institucional, devendo ser vistas no plural com diferentes configurações e heterogeneidade em tempos e espaços diversos. Mais ainda, o conceito desloca o olhar sobre a juventude transferindo a ênfase da marginalidade para a identidade; das aparências para as estratégias, do espetacular para a vida cotidiana; da delinquência ao ócio; das imagens para os atores.

Alguns dos estudos mais recentes sobre a juventude vêm pautando-se numa reflexão que leva em conta o caráter fluido e permeável dos grupos sociais juvenis, ressaltando a diversidade e a pluralidade das experiências sociais. Um dos caminhos esboçados nos estudos atuais sobre a juventude a toma por um objeto nômade e de contornos difusos, como a descreve Jesús Martín-Barbero (2002). Uma das perspectivas de análise em que é possível identificar esta visão é na relação dos jovens com o território, onde eles se colocam sempre em fluxos e diante de fluxos. Ser nômade, neste sentido, significaria o transitar dos jovens pelas cidades, inseridos que estão numa realidade e num cotidiano complexo, sem localizações fixas, o que permite que circulem em vários ambientes seja de modo concreto, seja de modo virtual, promovendo o que Martín-Barbero chama de “desordenamento cultural”, algo que tem a ver com o desenvolvimento de novas sensibilidades para o tempo, o espaço e para as tecnologias. Tudo isso se desdobra naquilo que o autor chama de “tecnicidade”, um conceito que pressupõe os receptores, as formas de apropriação das técnicas e o modo como são interiorizadas.

Estudos como os de Cubides (1998) ocupam-se em perceber como os jovens habitam, circulam e se apropriam do meio urbano a partir de seus próprios “fluxos” na cidade, nas atividades de lazer, no trabalho, nos finais de semana, nos deslocamentos para a escola, evitando enclausurá-los em locais e categorias como a família, a escola, a igreja, as festas de bairro, entre outros. No entanto, há ainda que se considerar estas instituições e suas conexões com os jovens que, apesar de diferenciadas, são ainda fundantes. Por um lado, há uma dimensão concreta desta ocupação dos jovens pelas cidades,

independentemente da classe social, idade, gênero, etnia, embora estas variáveis deem configurações diferentes para as experiências juvenis e se misturem em todas as partes da cidade.

Os fluxos visuais, auditivos, táteis, olfativos, multissensoriais que os jovens têm que filtrar, acabam por elaborar uma percepção nômade, compondo novas narrativas do mundo, novas formas de sentir, olhar escutar a vida, muitas vezes mais fragmentárias, delineando uma ideia de *zapping*, que não se refere apenas às tecnologias, mas “zapear” pela cidade, entre as diversas mídias e as diversas formas de informação. Borelli e Rocha (2009) trabalham com uma noção de juventudes (no plural) que enfocam justamente seus modos de ser e de viver na cidade, incluindo as narrativas de si e dos outros, a experiência da visualidade e da sonoridade, os modos de agrupamento, a percepção da violência, as práticas de consumo, as diferentes expressões estético-culturais, as alternativas de produção e apropriação das culturas digitais, com ênfase para as articulações entre cultura e política/caráter político das ações culturais. Estas práticas políticas juvenis na cidade de S.Paulo são compreendidas em meio às ações culturais e suas práticas comunicacionais no cotidiano de suas experimentações da urbanidade permeadas por contextos tecnológicos e digitais.

Importante sublinhar aquilo apontado por Martin-Barbero (2002) como uma miopia em alguns estudos mais tradicionais e funcionalistas sobre a juventude. Primeiramente, porque a juventude é vista como grupo ou fase da vida potencialmente perigoso, violento, rebelde, emocionalmente fraco, ameaçando a ordem social. Em segundo lugar, porque não enxergarem os jovens em sua dimensão cultural, subjetiva, nas suas relações com as mídias, focando-se apenas nas tradicionais dimensões institucionais da família, escola, trabalho. O que se coloca, portanto é a necessidade, sim, de olhar para relações familiares, escolares e o mundo do trabalho juvenil, mas lançar uma aguçada atenção para dimensões muitas vezes desprezadas, como as formas de lazer, de circular na cidade, de consumir tecnologia e a cultura imagética, seus desejos, afetos e violências, de engajar-se em formas de participação política não tradicionais, mas que tem no consumo, no entretenimento, nas corporalidades um forte componente.

O que se propõe, enfim é uma reflexão sobre as culturas juvenis no que elas têm de especificidade, sem defini-las por exclusão, naquilo que não são, tendo como referencial ideal o adulto letrado e politizado, no sentido tradicional do termo.

Assim, definindo com que ideia de juventude e de culturas juvenis estamos dialogando, podemos seguir a reflexão no sentido de refletir sobre a questão das narrativas juvenis e sua particular construção de temporalidade, sentidos de historicidade e presentismo. Em trabalho anterior (PEREIRA, 2013-a) já tratamos mais profundamente sobre esta forma de viver o tempo de alguns jovens que cultivam uma certa nostalgia e o consumo de objetos culturais e musicais de outras épocas, trazendo uma noção idealizadora do passado, ligada a uma certa cultura mais ampla da memória e do

revival (HUYSSSEN, 2000) , ao mesmo tempo em que demonstram um presentismo aliado ao regime de historicidade⁴ (HARTOG, 2013) da contemporaneidade.

Vale destacar o quanto ainda são poucos os trabalhos que, ao lidarem com juventude ou culturas juvenis preocupam-se com abordagens mais diacrônicas sobre o tempo, a dinâmica histórica, algo fundamental quando lidamos com narrativas que trazem trajetórias, construções de sentido sobre o tempo, em que um particular modelo de manejar passado, presente e futuro estão em jogo. Parece predominar uma análise sobre culturas juvenis que se articulam às cenas culturais e musicais e subculturas jovens em espaços urbanos, numa perspectiva mais sincrônica, em que o as territorialidades, as noções de lugar e espaço – como salienta Herschmann (2013) – têm mais destaque e atenção do que as dimensões temporais, a dinâmica histórica, os sentidos do tempo, os horizontes de expectativa e espaço de experiência (KOSELLECK, 2006).

Neste sentido, ao priorizarmos as narrativas juvenis, que trazem uma construção de tempo, é que damos particular atenção ao elemento sincrônico na reflexão sobre juventude, tanto por quase ausência, quanto pela importância que parece adquirir a dimensão temporal na contemporaneidade e nas experiências de jovens.

Carles Feixa (2003) reflete sobre as temporalidades do juvenil quando enfoca metaforicamente três tipos de relógio ou de formas de medição temporal que caracterizariam, segundo ele, o mundo pré-moderno, moderno e a contemporaneidade ou modernidade tardia. Os distintos relógios são metáforas para interpretar os mecanismos utilizados em distintos lugares e momentos para medir e compreender o acesso para a vida adulta e colocam-se em relação com formas distintas de construção social das biografias. Para o mundo pré-moderno, Feixa utiliza metáfora do relógio de areia, que se baseia numa concepção natural ou cíclica do tempo, dominante nas sociedades pré-industriais. Nestas, há uma “rueda de las generaciones” (p. 12), ou seja, cada geração repete *ad infinitum* o comportamento da anterior, com filhos aprendendo com pais e avós que são os referenciais de autoridade, ritos de passagem e repetições com poucas modificações. Para a Modernidade, o relógio mecânico seria o símbolo que representaria o tempo da fábrica, da produtividade e se sustenta em uma concepção linear e progressiva do tempo, dominante nas sociedades industriais. O relógio mecânico analógico (fundado num sistema numérico contínuo) baseia-se numa concepção linear de tempo, característica da Modernidade ocidental industrial, em que o futuro substitui o presente. No que se refere às gerações, percebe-se que cada uma aspira a viver melhor e diferentemente da anterior, sem

⁴ Por regime de historicidade Hartog (2013) compreende as formas com que as sociedades manejam a relação passado, presente e futuro, formas de traduzir e ordenar as relações e as experiências que temos do tempo e com o tempo. O autor elenca três grandes regimes de historicidade no mundo ocidental: o da História Magistra, dos gregos antigos, em que o passado predomina sobre o presente e o futuro; o da Modernidade, em que o futuro tem primazia sobre o presente e o passado; e o Presentismo, relativo ao que ele considera como a atual “crise do tempo”, ou um colapso da experiência do tempo, que tem como marco a queda do Muro de Berlim, em 1989. Neste regime atual, não mais a hegemonia do futuro a projetar anseios de progresso, mas um presente absoluto, estimulado pelas mídias e seu excesso de imagens e fatos em “tempo real”, transformando tudo em acontecimento; pelas inovações tecnológicas e a lógica do consumo que torna os homens e as coisas rapidamente obsoletos, dentre outros aspectos. (Pereira, 2013-a)

reproduzir seus conteúdos culturais e valores, gerando aceleradas mudanças sociais e a emergência de brechas e conflitos geracionais. Por fim, o relógio digital simbolizaria os tempos informacionais e midiáticos que vivemos, com uma concepção virtual ou relativa do tempo, emergente com a sociedade pós-industrial. O sistema que sustenta o relógio digital (baseado em sistema binário de cálculo matemático) se difunde nos anos 1980 com relógios de pulso pessoais e nos computadores pessoais, generalizando esta concepção de tempo. Neste tempo virtual há movimentos constantes e intercambiáveis entre papéis geracionais – pais que aprendem com filhos, por exemplo – em que estas diferenças de geração tornam-se múltiplas e mais complexas⁵. Segundo Feixa,

con la emergencia de la posmodernidad, la medida del tiempo se hace mucho más precisa y ubicua (los relojes están omnipresentes en cualquier rincón de nuestra vida cotidiana), pero al mismo tiempo mucho más relativa, descentrada y ambivalente (el tiempo depende del contexto espacial desde el que se calcula, no tiene un único organismo que lo regule y puede estar en función de la perspectiva de diversos observadores). Una de las características del tiempo digital es que permite reprogramar constantemente el inicio, final, duración y ritmo de una determinada actividad: se crea un auténtico tiempo “virtual”, cuya “realidad” depende del ámbito en el que se produce. (FEIXA, 2003, p. 18).

Aqui no Brasil, trabalhos no campo da Educação e também da Antropologia têm utilizado metodologias próximas a esta, usando e analisando em profundidade os relatos, as narrativas dos jovens sobre suas próprias vidas, os sentidos construídos sobre suas trajetórias. Em trabalhos como estes, mostra-se clara a noção de que os jovens possuem uma forma própria de narrar e de construir sentidos de temporalidade, em que o presente e o futuro têm destaque e o regime de historicidade presentista, elenca passados recente como passado longínquo, adquirindo até cores de uma nostalgia pela infância. Ainda que isso possa ter um caráter universal na caracterização de jovens (a dimensão de passado é menor do que a de presente e futuro, por uma questão biológica), entendemos que isso assume uma particular dimensão nas culturas juvenis urbanas de forte caráter midiático.

Mónica Franch Gutiérrez (2008) ressalta, ao analisar narrativas de jovens em Recife numa perspectiva antropológica, sobre o fato de haver uma temporalidade própria ao juvenil, onde as mudanças estruturais da sociedade estão presentes no cotidiano dos jovens, alterando seus sentidos de tempo. A autora opera um deslocamento temático voltado para a compreensão de uma determinada idade – a Antropologia da Juventude – para um outro, centrado na forma como as pessoas lidam com

⁵ Em palestra recente, Feixa (2014) retoma a metáfora dos relógios para ampliar a reflexão, desdobrando a análise desta juventude que vive sob o julgo do relógio digital em duas gerações: a geração @ (arroba) e a geração # (hashtag). A primeira vive o contexto de meados dos anos 1990 até 2008, em que figuram o Neoliberalismo, a era das marcas, a expansão da internet, os novos movimentos sociais antiglobalização, a extensão do período da juventude, sendo uma geração que cresceu e se educou em videogames com uma sensibilidade adequada a lidar com isso. Já a segunda mostra-se como a geração indignada, vivendo o contexto de 2008 a 2011 com identidades pós-digital, se configurando como uma geração pós-global, num contexto onde se coadunam a crise financeira internacional, o retrocesso do Estado de Bem-Estar social, a expansão das redes, uma Globalização desigual, a crise da hegemonia Euro-americana, e os movimentos dos indignados (Occupy, Primavera árabe, 15M, Jornadas de Junho/2013 no Brasil, entre outros). Nesta geração #, passa-se do nomadismo ao translocalismo e do espaço global ao glocal.

a dimensão temporal em suas vidas, cultural e socialmente – a Antropologia do Tempo. Segundo a autora, estes são campos intimamente interligados, uma vez que a idade é uma das possíveis dimensões da experiência temporal. Mas, olhar para a juventude sob a perspectiva do tempo, suscita várias outras questões, para além da organização social do tempo da vida, como

as transformações na esfera do trabalho e seu impacto nos projetos de vida juvenis, a vivência da exclusão social como “rotina” ou como “lentidão” em relação a um mundo cada vez mais veloz e diversificado, o encurtamento do horizonte temporal para a geração em questão, mas também as formas pelas quais os jovens dão coerência e sentido às descontinuidades em suas vidas. (GUTIERREZ, 2008, p. 18)

Schwertner e Fischer (2012) – na área da Educação e Psicologia – sintetizam algumas das reflexões que vem se preocupando em investigar as relações entre mudanças sociais e temporalidade para jovens do século XXI, asseverando sobre a necessidade de, para entender as juventudes contemporâneas, reformular o conceito de tempo presente (sendo necessário incluir nele o passado e o futuro), uma vez que somos regidos hoje por incertezas e mudanças constantes, sendo os jovens submetidos a exigências de alta *performance*, amplo dinamismo, defrontam-se com uma ordem de imediatismo, diante de um futuro indeterminado e indeterminável e um desolador apego a um passado recente com nostalgia (lembranças da infância como tempo bom, *profiles* biográficos em redes sociais) como que a querer indicar uma angústia pelo tempo em aceleração. Assim, fundamental pensar os jovens considerando as novas temporalidades experimentadas por todos – mas em especial medida por eles – com um cotidiano repleto e constituído com a presença constante de imagens, textos midiáticos e modos diversos de comunicação virtual.

Neste aspecto, já salientávamos em outro artigo (PEREIRA, 2013-a) a presença das mídias como um dos elementos fundantes para um regime de historicidade presentista, com uma guinada rumo ao passado e a inflação de memória (excesso de museus, memoriais e cultura *retro*) e, ao mesmo tempo, um presentismo e imediatismo sem precedentes. A presença cada vez maior das mídias, tanto por sua capacidade armazenar e guardar elementos do passado (ainda que muitos críticos acreditem serem as mídias as culpadas pela falta de memória na atualidade), como pelo fato de fazer circular, em velocidade inaudita, imagens e sons, captando presentes, transformando-os em “momento histórico”, que já se transformam rapidamente em um passado em imagens a serem consumidas. Em outras palavras, as atuais transformações no imaginário temporal têm a ver com a presença virtual de tempos e espaços variados em composição com os temas e espaços “reais”.

Isso se reflete nas narrativas dos jovens, na forma como elaboram construções discursivas sobre suas vidas, trajetórias, identidades e desejos usando filmes, canções, séries de TV, HQs, *memes* da internet, entre outros, como “sistemas peritos” (AMAYA, 2004) que servem para articular, construir, elaborar o que pensam de si, o que buscam mostrar de si socialmente, dando conta das vidas

vividas, ações individuais e coletivas, ações midiáticas e performativas, enfim, de aspectos do ser jovem na atualidade das grandes metrópoles com forte presença midiática.

Isso nos faz pensar na existência de um regime de historicidade articulado a imaginários e formas de manejar as relações entre presente, passado e futuro e noções de temporalidade em jogo na atualidade e em entre os grupos juvenis. Daí a atenção que parece importante de ser dada aos elementos da cultura midiática que entram como aportes nas narrativas juvenis para salientar aspectos, marcar fatos importantes, ajudar a compreender motivações que os levaram a uma ação ou caminho e não outro, expressar o que buscam e almejam para sua vida privada, suas relações amorosas, suas inquietações geracionais, as ansiedades em relação ao futuro, os imaginários sobre o passado e para sua vida em geral. Por formulações discursivas como estas, temos identidades narrativas (RICOEUR, 1985), que são construídas e podem ser percebidas nas especificidades das “histórias de vida”, pois ao rememorar a sua trajetória, há um esforço de construção de sua própria identidade, num resultado de apropriação simbólica do real, lembrando e omitindo passagens de sua vida, marcando fatos, atos, construindo sentidos.

Para finalizar esta seção que entrelaça a questão das narrativas e das temporalidades juvenis, lembramos mais uma vez com Feixa (2003 e 2014) que não apenas o tempo constrói socialmente o juvenil, mas também a juventude constrói socialmente o tempo, na medida em que modela, readapta e projeta novas modalidades de vivência temporal. Esta particular construção juvenil da temporalidade que parece se expressar e que buscamos alcançar parece ter um *locus* privilegiado de análise nas narrativas feitas por jovens sobre suas histórias de vida, seus consumos imaginários e concretos, suas formas de manejar passado, presente e futuro, em afetos, sonhos, utopias. Esta compreensão a fundo da fala dos jovens – como sujeitos de ação e de discurso (REGUILLO, 2000) – revela o caráter político, performativo e estético das apropriações juvenis da cultura e do consumo (ROCHA, 2012), onde estes jovens atuam como agentes sociais de suas narrativas e práticas materiais e simbólicas, não podendo ser vistos apenas como objetos de discursos moralizantes ou normativos sobre o seu “dever ser”.

Jovens universitários no litoral de SP

Realizamos uma pesquisa com jovens residentes no Litoral de São Paulo, onde o *corpus* de análise está centrado nas entrevistas com base em narrativas e trajetórias de vida, onde os relatos desses jovens nos ajudam a compreender alguns pontos que pareciam prementes no cotidiano dos jovens daquela localidade, como a forma como pensam e lidam com o consumo material e simbólico, noções de sustentabilidade e cuidado ambiental e como isso se articula em suas experiências mais amplas de vida e formas de negociação entre elementos da cultura juvenil e formas variadas de inserção na vida adulta. Desta forma, ressaltamos, não se buscou tratar do discurso sobre o jovem, mas

do discurso do próprio jovem e suas narrativas de vida, que trazem importantes aspectos sobre suas identidades. Como lembra Reguillo (2000), dar voz aos jovens é pensar que suas formas de consumo material, simbólico e imaginário bem como seus usos midiáticos “deben ser leídos como formas de actuación política no institucionalizada y no como las practicas mas o menos inofensivas de un montón de desadaptados” (REGUILLO, 2000, p. 4). Pelas entrevistas em profundidade é possível situar estes atores sociais e adentrar no seu universo de representações e imaginários.

Para a pesquisa, foram selecionados e entrevistados 15 jovens alunos de duas universidades situadas no Litoral de São Paulo, a Universidade Santa Cecília (UNISANTA) e a Universidade Paulista (UNIP)⁶, ambas localizadas na cidade de Santos/SP. Estes jovens foram selecionados de acordo com idade, gênero, local de moradia, por etnia e classe. Acreditamos que dessa forma, foi possível termos uma amostra o mais diversificada possível que contribui positivamente em nossas análises. Optamos por utilizar a narrativa literal dos entrevistados, transcrever tal qual foi falado, com pausas, repetições, silêncios, proporcionando uma ideia mais próxima daquilo que ocorreu. Para preservar a identidade dos depoentes, seus nomes foram trocados nas entrevistas.

Nas construções narrativas, real e imaginário interagem com o presente, o passado e o futuro, trafegando numa conjuntura própria e cognitiva de cada indivíduo. Nesta pesquisa, os jovens buscam formas de se identificar através de suas atitudes, preferências, espaços e temporalidades.

A questão do consumo cultural, material e simbólico nos parece premente por ser um modo como muitas das culturas juvenis se relacionam com o leque de opções culturais, apropriando-se de repertórios, adaptando-os e construindo, muitas vezes ações estéticas e comunicacionais que podem ter cunho político, onde novas formas de participação no espaço público não se acham desvinculadas das corporalidades, estetizações, consumo, entretenimento, próprios à vida urbana. Nas entrevistas realizadas notamos que os jovens, em sua maioria, quando questionados sobre o que gostam de fazer em momentos de lazer referiram-se ao consumo midiático como, por exemplo, ir ao cinema, ir ao *shopping center*, assistir séries, seja pela TV ou pela *web*. Alguns deles por residirem no litoral, optam por atividades relacionadas ao ar livre, entre elas, a praia.

Tales, 23 anos, estudante de Propaganda e Marketing na UNIP, morou a vida toda em Santos/SP e há pouco tempo está morando em São Vicente/SP. Nas horas de lazer, Tales gosta de praticar esportes. Afirma que já fez uma infinidade deles, “não terminei nada, mas já fiz um monte”. Gosta de muito de cinema, frequenta todos os finais de semana. Adora também assistir televisão, “não durmo sem televisão”. E sai muito com os amigos. Tales gosta de esportes ao ar livre, “corro na praia, jogo bola desde pequeno na praia”. Ele explica que pratica esportes na praia porque mora bem perto.

⁶ Em cursos de Publicidade e Propaganda e Publicidade e Marketing.

Podemos atribuir na afirmação de Tales, o simbolismo e a fluidez do consumo com todas as pluralidades de sua juvenildade, dentro da sociedade contemporânea.

Oscar, 19 anos, estudante de Propaganda e Marketing na UNIP, mora em São Vicente/SP. Nos horários de lazer, Oscar gosta de namorar, gosta também de sair com os amigos, não se considera um “baladeiro”, ao contrário dos jovens da sua idade, se acha mais quieto. Gosta também de cinema, teatro, leitura, “pegar” um filme e assistir em casa. Interessante a declaração de Oscar em se colocar à margem de sua esfera de pertencimento, quando revela que não se considera um jovem “baladeiro”, ou seja, aquele que frequenta festas, bares. Podemos entender a partir do relato de Oscar que essa pode ser uma forma de se diferenciar dos demais jovens.

Paulo, 24 anos, estudante de Publicidade e Propaganda na UNISANTA, nascido em São Bernardo do Campo/SP, veio morar em Santos/SP ainda quando criança, por volta dos 5 anos de idade e mora no mesmo bairro desde que chegou na cidade, onde estudou e criou seu círculo de amigos. Com relação ao lazer, Paulo diz que estuda muito, procura vaga de emprego. Gosta de ler notícias, se atualizar e reforça que a leitura é uma preferência, livro, revista, jornal, leituras variadas, voltou a correr na praia, gosta de filmes, adora cinema, *shows*, música independente do estilo, gosta de música boa, gosta de bares também. Notamos que o consumo cultural midiático é muito presente no cotidiano de Paulo e nos momentos de lazer se apropria deles em suas preferências pessoais.

Nas narrativas desses jovens, através de seus relatos, observamos o comportamento adotado por eles, através do consumo midiático. Os sistemas peritos já aludidos mostram-se como potentes elementos da criação de laços e de identidade para estes jovens, que se valem de elementos da cultura midiática para expressarem momentos da vida, ações e pensamentos, escolhas, desejos, anseios, frustrações, construindo sentidos de si, e assumindo-se como sujeitos da própria história e trajetória.

Em nossas entrevistas, uma das perguntas referia-se ao tema consumo midiático, indagando aos jovens como eles se reconheciam como pessoa, através de um filme, uma série ou programa de TV, o que tivesse mais a ver com ele, dessa forma, eles tinham a liberdade em escolher e responder conforme sua trajetória de vida, suas vivências e os resultados mostram-se reveladores.

Léo, 23 anos, estudante de Propaganda e Marketing na UNIP, reside em Santos e gosta muito de viver e morar na cidade porque ela não tem uma dimensão de metrópole. A mobilidade é bem mais acessível. As oportunidades não se igualam a capital, mas proporcionalmente “são muito boas”, na visão de Léo, com relação a mercado de trabalho, considerando Santos uma cidade completa, incluindo a parte de lazer como teatro e cinema.

Quando questionado sobre um filme, série que tenha identificação com sua vida, Léo declara que se identifica muito com o filme “Perfume de Mulher”, que ele afirma tê-lo marcado demais pelo roteiro. O filme trata de um jovem estudante que precisa trabalhar para juntar dinheiro para concluir seus estudos. Após relutar, esse jovem aceita fazer um trabalho avulso como acompanhante de um

tenente-coronel cego (personagem do ator *Al Pacino*), que pretende fazer uma viagem a Nova Iorque. Para Léo, o maior aprendizado que teve com aquele estudante retratado no filme, foi pela experiência de poder ajudar ao próximo, o que, segundo ele, é muito maior do que o dinheiro recebido pelo trabalho, ganhando ainda um amigo ao final da história. Léo citou esse filme por conta da experiência que teve com sua avó que tem Mal de *Alzheimer*. Para ele o começo foi difícil, mas depois que aprendeu sobre a doença, entendeu a importância de ter um ato solidário.

Para Oscar, citado anteriormente, um programa que tem a ver com a sua vida, é a série *Malhação*, exibida na Rede Globo. E revela, “minha vida é sempre assim, 100%, muito rápido, tudo acontece, eu às vezes esqueço e às vezes eu lembro, enfim é muita coisa acontecendo ao mesmo tempo” na comparação a telenovela. A aceleração do tempo e a simultaneidade de acontecimentos – como já esboçamos anteriormente como parte integrante de uma cultura midiática que traz um presentismo imperante – mostra-se na narrativa desde jovem, onde lembrar e esquecer, silêncios e fissuras da sua trajetória mostram-se presentes. Mas, há espaço também para as narrativas que dão conta de experiências mais ligadas ao tempo lento, como na fala de Léo, que conta toda a história do filme “*Perfume de Mulher*” para dar conta de expressar seus sentimentos em relação à família, a avó enferma. O que se percebe são temporalidades diversas nas narrativas juvenis, permeadas por elementos midiáticos.

Como nos lembra Cubides (1998), o nomadismo associado às culturas juvenis pode ser atestado não somente pela circulação geográfica propriamente, mas também pela configuração de uma percepção nômade que acaba por constituir uma sensibilidade ou um *sensorium* diferente dos jovens de épocas anteriores, estando estes jovens atuais mais adaptados à cultura midiática e para enfrentar as novas tecnologias, a aceleração da história, as compressões do tempo e do espaço, a efemeridade, enfim, características que são incessantemente renovadas na vida moderna das metrópoles na atualidade.

E os exemplos são muitos. Flora, 19 anos estudante de Publicidade e Propaganda na UNISANTA, mora em São Vicente/SP, mas vive mais em Santos/SP, onde estuda e trabalha, declara que a série *Girls* exibida no canal por assinatura HBO, com seus episódios curtos de aproximadamente vinte minutos, retrata a personagem *Hannah*, uma escritora que enfrenta as dificuldades de vida comuns a muitas mulheres após se formarem, como falta de dinheiro, saída da casa dos pais, dificuldades profissionais, de emprego e *networking*. Flora cita essa série pelos temas abordados e relacionados como ela mesma se identifica, com sua trajetória de vida. Pedro, 19 anos, estudante de Publicidade e Propaganda, na UNISANTA, que mora em Guarujá/SP, diz que encontra um pouco dele em algumas séries que assiste, mas afirma que a série televisiva *Looking* do canal de TV por assinatura HBO, tem em sua narrativa muito a ver com ele. A série trata sobre três amigos homossexuais que vivem em São Francisco, na Califórnia e dividem questões cotidianas de suas

vidas. Pedro se reconhece também em *Scandal*, pois trata sobre aspectos do *marketing* na série, e se aproxima da sua realidade profissional.

A questão profissional se mostra um importante ponto de angústias para estes jovens e também de elemento que nos proporciona refletir sobre aspectos da vida juvenil na atualidade. Em muitos depoimentos percebemos a multiplicidade de opiniões e possibilidades que transitam pelo cenário juvenil, através das trajetórias de vida narradas em que contam o porquê de suas escolhas profissionais e estudantis, a escolha do curso de graduação e outras formações. A cultura individualista que nasce no alvorecer da Modernidade no sec. XIX traz a ruptura com a tradição e a continuidade que a metáfora do relógio de areia já esboçada por Feixa (2003) traz. Ao homem moderno – e aos jovens, esta determinação é talvez mais forte – cabe a obrigação de ser empreendedor de si mesmo, de inventor de seus destinos de maneira triunfalista e individual, em meio às múltiplas oportunidades que a Modernidade e o meio urbano oferecem, o que traz possibilidades, mas também crises, com a necessidade de assumir escolhas, perdas e ganhos. E este parece ser um elemento fundante nas culturas juvenis em tensão com as múltiplas formas de inserção na vida adulta e na vida social hegemônica. O mundo do trabalho e da realização profissional e financeira vai se colocando como determinante para estes jovens, em que sonhos coletivos podem até caminhar conjuntamente com aspirações individuais, mas estas últimas é que ganham protagonismo em suas narrativas.

Orlandina Oliveira nos surge como importante referência em pesquisas sociológicas que enfocam as inserções e a passagem dos jovens para a vida adulta, atentando para esta dimensão temporal e usando como um de seus métodos entrevistas em profundidade com garotos e garotas em que dimensão de trajeto de vida (OLIVEIRA, 2014) ganha destaque, os sentidos que constroem sobre passagens importantes da sua vida, no que tange à vida profissional, marcos de passagem para a vida adulta, enfim, os trânsitos temporais (OLIVEIRA E SALAS, 2009). Em trabalho que dialoga com esta perspectiva, Sallas (2012) ressalta que as culturas juvenis constroem práticas e representações sobre as próprias concepções do processo de transição para a vida adulta, constituindo-se a partir de elementos de continuidade e ruptura com estas formas culturais que influem na cultura hegemônica.

A guisa de conclusão, lembramos que trabalhar com narrativas juvenis e dar voz aos jovens mostra-se como um desafio epistemológico, num contexto sociocultural em que há uma disputa pela palavra, como sugere Reguillo (2014). Nas múltiplas formas como agem as culturas juvenis estão presentes não apenas a luta por visibilidade ou a criação de laços identitários e de pertencimento, mas também uma luta por adentrar neste espaço público atual em que predomina um litígio pela palavra, pelo direito de auto representação (e não a representação feita de fora) como sujeitos de que podem ter ouvidas e vistas as suas falas e ações. Com esta perspectiva ética, política e epistemológica e com este campo de estudos e reflexões é que esta comunicação procura contribuir.

Referências bibliográficas

AMAYA, José Fernando Serrano. **Menos querer más de la vida – concepciones de vida y muerte en jóvenes urbanos**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2004.

BORELLI, Silvia; ROCHA, Rose; OLIVEIRA, Rita (orgs.). **Jovens na cena metropolitana - percepções, narrativas e modos de comunicação**. São Paulo: Ed. Paulinas, 2009.

CUBIDES, Humberto *et alli*. (Orgs.). **Viviendo a toda: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades**. Bogotá: Siglo del Hombre/DIUC, 1998.

LEVI, Giovanni e SCHMITT, Jean-Claude. **História dos Jovens - da antiguidade à era moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. v. 1.

FEIXA, Carles. **De Jóvenes, bandas y tribus. Antropología de la juventud**. Barcelona: Editorial Ariel, 1996.

_____. “Del reloj de arena al reloj digital – sobre las temporalidades juveniles”. **Revista de Estudios sobre Juventud**, [S.l.], v. 19, p. 06-27, jul./dez. 2003. Disponível em <http://www.catunescomujer.org/catunesco_mujer/documents/Del_reloj_de_arena_al_reloj_digital.pdf> Acesso em jul 2014.

_____. **El reloj de arena y las nuevas marcas de los tempos juveniles**. Tijuana/Mexico: COLEF, 2014 (Palestra – Comunicação oral).

GUTIÉRREZ, Mónica Franch. **Tempos, contratempos e passatempos - um estudo sobre práticas e sentidos do tempo entre jovens de grupos populares do Grande Recife**. Tese de Doutorado em Antropologia e Sociologia. IFCS/UF RJ, 2008.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade - presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2013.

HERSCHMANN, Micael. “Cenas, circuitos e territorialidades sônio-musicais” In: JANOTTI JR, Jeder e SÁ, Simone Pereira de (orgs.). **Cenas musicais**. Guararema/SP: Ed. Anadarco, 2013.

HUYSSSEN, Andréas. **Seduzidos pela memória**. São Paulo: Ed. Aeroplano, 2000.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado - contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. Puc-RJ, 2006.

MARTIN-BARBERO, Jesús. “Jóvenes: comunicación e identidad”. **Revista Pensar Iberoamérica** (0). OEI, 2002.

OLIVEIRA, Orlandina. **Jóvenes em uma sociedade desigual: trajetórias de vida contrastantes**. Tijuana/Mexico: COLEF, 2014 (Palestra – Comunicação oral).

OLIVEIRA, Orlandina e SALAS, Minor Mora. “Los jóvenes en el inicio de la vida adulta”. **Estudios Sociológicos**. XXVII: 79, 2009.

PEREIRA, Simone Luci. “Temos nosso próprio tempo: memória, temporalidade, consumo e imaginários juvenis sobre a década de 1980”. **Anais COMUNICON 2013 (Congresso Internacional de Comunicação e Consumo)**. São Paulo: ESPM, 2013-a.

_____. “Recepção da música midiática - alguns aportes teórico-metodológicos para a reflexão sobre a escuta”. **Revista Resonancias**. vol. 1. n. 33. Santiago/Chile. 2013 -b.

REGUILLO, Rossana. **Emergencia de culturas juveniles – estrategias del desencanto**. México: Editorial Norma, 2000.

_____. **Re-pensar la participación juvenil – nuevas formas, nuevos retos**. Tijuana/Mexico: COLEF, 2014 (Palestra – Comunicação oral).

RICOEUR, Paul. **Temps et Récit**. Paris: Seuil, 1985.

_____. 1998. **Du texte à l’action: Essais d’herméneutique II**. Paris: Ed du Seuil.

ROCHA, Rose de Melo. “Juventudes, comunicação e consumo: visibilidade social e práticas narrativas”. In: BARBOSA, Livia (org.). **Juventudes e gerações no Brasil contemporâneo**. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 238-276.

SALLAS, Ana Luisa Fayet. “Culturas juvenis: um estudo comparativo entre Brasil e México”. Disponível em: <http://actacientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT22/GT22_FaytSallas.pdf> Acesso em jul 2014.

SCHWERTNER, Suzana e FISCHER, Rosa Maria. “Juventudes, conectividades múltiplas e novas temporalidades”. **Educação em Revista**. v.28 n.01 mar. 2012. p.395-420. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982012000100017> Acesso em jul 2014.